



Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição

Irmãs da caridade, hospitaleiras dos pobres

A vocação religiosa: o princípio do amor

A Misericórdia de S. João da Madeira é um corpo social complexo cujo correcto desempenho carece do concerto de muitos na dedicação, no empenho e na competência. O reconhecimento da indispensabilidade dessa congregação de vontades deu azo, em texto recentemente publicado, versando os primeiros médicos do hospital, à homenagem aos trabalhadores da Misericórdia, do passado e do presente. Àqueles que quiseram e souberam concatenar este tríplice de valores profissionais – dedicação, empenho e competência –, caso onde, sobre todos, transluz a fraternidade “Mãe da Divina Graça”, das Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. Durante decénios exerceram na Misericórdia, no Hospital, no Abrigo e no Lar de Idosos, como directoras, enfermeiras, professoras, ecónomas, encarregadas, ajudantes de lar ou cozinheiras. E, acima do labor profissional, testemunharam um zelo insuperável e um vívido exemplo de caridade. A permanente compreensão, afecto e disponibilidade exprimiu uma vocação de doação e de amor que incomensuravelmente elevou e humanizou a assistência daquelas valências.

As franciscanas e as obras de misericórdia: a elegia das bem-aventuranças

Em 27 de Março de 1876, o Papa Pio IX aprova a formação da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição em Portugal, confraria que, por efeito da ainda vigente proibição de admissão de noviças decretada pelo liberalismo monárquico, teve entre as primeiras professoras, noviças que juraram votos em França. A actividade da congregação dirige-se à saúde, à assistência e ao ensino, e rapidamente se expandiu. Pretendem “*tornar visível no mundo a misericórdia divina, servindo a humanidade sofredora, principalmente os mais carenciados, praticando as obras de misericórdia*”, como atesta Fernando Sousa em monografia sobre esta congregação. Estes valores, e a interpretação que lhes subjaz, de crença na bem-aventurança dos pobres e daqueles de coração simples, colocam-nas espiritualmente como parceiras das Santas Casas. A sua acção pode definir-se na frase da Beata Mãe Clara, ou Irmã Maria Clara do Menino Jesus, co-fundadora da congregação (com o Padre Raimundo dos Anjos Beirão), transcrita de uma carta de 1892: “*O nosso mais ardente desejo é podermos ajudar e acudir, do modo que podemos, ao nosso próximo desvalido e que sofre. É a nossa principal Missão e aquela que buscamos, quando entramos para esta Ordem. E não poder dizer de pronto “sim” é para nós muito penoso.*”

Vicissitudes na história de uma congregação

Em 1882 estavam já instaladas 34 fraterni-

dades, em hospitais, asilos de mendicidade, asilos de órfãos, colégios e hospícios, tratando doentes, pobres e crianças abandonadas. Em 1910, ano de implantação da República, a congregação reunia 1.595 religiosas e 73 noviças, distribuídas por 79 casas, expansão abruptamente interrompida pela sanha anticlerical dos republicanos, que extinguiu ordens religiosas, nacionalizou bens da Igreja, proibiu procissões e de manifestações religiosas, e afastou as professoras do ensino e as enfermeiras dos hospitais. Nestas unidades, as religiosas são substituídas por enfermeiras laicas, apesar de a sua acção ser bem aceite e reclamada pela população, sobretudo no norte do país. As religiosas vêem-se compelidas para a missiões. Instalam-se em Tui, na Galiza, onde se reorganizam, daí partindo para o Brasil e para a Índia portuguesa, disseminando-se depois para Moçambique e para a Índia



Irmã Maria Fernandes - Superiora (1968 – 1974)

inglesa. Encerrado o capítulo histórico da I República, regressa a normalidade, com as ordens religiosas autorizadas a reentrar em Portugal em 1929. A Constituição de 1933 assegura-lhes o direito de culto e a liberdade religiosa, condições propiciadoras do regresso da congregação das Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, que acontece em 1936. O noviciado é transferido para Caminha, e a confraria encontra condições de expansão da sua actividade.

Uma ardente aspiração

O primeiro Provedor, Oliveira Júnior, promove desde a abertura do hospital, em 1923, contactos para a instalação de uma fraternidade desta Congregação, de apoio à gestão e funcionamento do hospital e do asilo - creche, pedido insistido em 1925, pela urgência redobrada colocada pela construção da nova ala do hospital, iniciada em 1926. A iniciativa do Provedor tem bom êxito em

Dezembro de 1927, quando se concluem, e são reciprocamente aceites, os termos da colaboração daquela com a Misericórdia. Restou esperar pela disponibilidade de efectivos no contingente de religiosas, para que o acordo firmado tivesse materialidade, limitação superada em 2 de Fevereiro de 1929, data de instalação das primeiras 4 religiosas, a saber, Júlia da Piedade Almeida (Irmã Maria do Pilar, directora), Isaura Ferreira (Irmã Maria do Santo Lanhão, enfermeira), Maria do Rosário Pedro (Irmã Augusta de Maria Imaculada, professora), Margarida da Conceição Teixeira Bessa (Irmã Maria do Santo Rosário, cozinheira), e outras duas auxiliares. Foi um dia memorável para a Santa Casa, não só pela delonga e pelas incontáveis diligências necessárias, como pela qualificação da vida hospitalar que se antevia conseguir através desta inestimável colaboração. Manuel Pais Vieira Júnior, no seu livro, descreve: “*as Irmãs foram recebidas por toda a Mesa Administrativa e um grupo de gentis Senhoras, com manifestações de boas vindas e de satisfação pela realização de uma das aspirações mais ardentes da Instituição*”.

Novas práticas: governação omnipresente e assistência espiritual

De imediato as Irmãs assumem a liderança das operações quotidianas do Hospital, do Asilo de Órfãos, e do Recolhimento de Velhos de S. Manuel, imprimindo novas práticas, com uma assistência mais esmerada e uma governação omnipresente. Preencheram, ainda, uma faceta lacunar, ao encimarem a prestação de serviços com um desempenho de natureza espiritual. Diz Fernando Sousa, que “*as Franciscanas Hospitaleiras desenvolveram uma notável actividade, introduzindo (...) as indispensáveis condições de higiene e conforto, prestando uma assistência desvelada e efectiva aos pacientes, às crianças e aos idosos, várias vezes reconhecida pela Mesa da Misericórdia e pelos próprios doentes, e procurando reconciliar com Deus os doentes que se encontravam há muito afastados da Igreja*”. Esta dimensão foi estendida poucos anos depois, com o envolvimento das Irmãs na catequização das crianças. De facto, os doentes e a Mesa Administrativa prontamente reconheceram os méritos da instalação das religiosas, cuidando de louvar a fraternidade pelos seus eminentes serviços. Um eloquente testemunho sobre o valor do labor das Irmãs, constante do acervo, é uma carta de 1938 do Provedor José António das Neves, em que lamenta a ordem da Superiora Geral, de saída da Irmã Elvira da Purificação (Maria de Jesus Soares), “*tão dedicada Irmã*” e Superiora da comunidade desde 1932, data em que substituíra a Irmã Bárbara de Jesus (Rosalina Martins). No entanto, o trabalho nas valências era tão intenso, que as religiosas tinham de se desdobrar em atendimentos e solicitações.

As franciscanas e a Misericórdia: uma comunhão de valores

Entretanto, eclode 2ª Guerra Mundial e, apesar da neutralidade do país o haver afastado do combate bélico, a guerra arrasta penúria, miséria e escassez, agravando-se substancialmente as condições de vida da população mais desfavorecida. Aumentam as solicitações, e a Misericórdia e as Irmãs residentes vão respondendo às necessidades, apesar das enormes dificuldades, agregando a ajuda dos sanjoanenses que podiam contribuir para minorar o sofrimento dos deserdados de fortuna e saúde. Recordamos que nesta altura a responsabilidade do Estado na Assistência e na Saúde era supletiva e incipiente, acometendo na sociedade civil e religiosa a primazia na intervenção, que voluntariamente, e dispendo dos seus poucos meios, assumia a ajuda aos necessitados. Por décadas a fio, a Misericórdia constituiu quase o único apoio e sustentáculo dos pobres e doentes da região. De resto, foi o desmesurado empenho do Provedor Oliveira Júnior, que o envolveu numa aura de santidade junto dos pobres, bem como a manifesta simpatia (e justificada gratidão) que os doentes nutriam pelas Irmãs. Replicando o escrito da primeira Superiora de nomeação oficial da comunidade, Irmã Miquelina das Chagas, de 1931, “*é grande a seara e as obreiras são poucas. Mas trabalham com tanto zelo que são abundantes os frutos. Deus compraz-se em abençoar as obras de quem só para Ele trabalha e com ardor se vota ao sacrifício pela salvação das almas*”.

É grande a seara e as obreiras são poucas

Em 1965, antecipando as exigências que a próxima abertura do novo hospital colocaria, designadamente no alargamento da fraternidade, a Superiora Provincial das Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição pondera a saída das Irmãs e aconselha a Mesa Administrativa a solicitar o auxílio de outras congregações. Recorde-se que, no último ano de funcionamento do velho hospital, a comunidade religiosa se compunha de uma Superiora e de outras 7 Irmãs, número exíguo para o atendimento dos 1.102 doentes nesse ano assistidos no hospital, dos 15 idosos residentes no Recolhimento, e das 80 crianças do Abrigo das Laranjeiras. O Provedor Manuel Pais Vieira Júnior reitera contudo o pedido de aumento do número de religiosas desta congregação, atendendo aos excepcionais serviços desenvolvidos em cerca de 40 anos de dedicação à Misericórdia de S. João da Madeira. Esta solicitação terá bom acolhimento, em momento posterior, apesar do contratempo da retirada das religiosas do Recolhimento de São Manuel, em 1966, e do Asilo Escola Santo António, em 1968, sempre contra a vontade da Mesa Administrativa. A Superiora Geral informou que apenas a falta de Irmãs justificara tal decisão.

O novo hospital: mais exigência, maior funcionalidade e eficiência

Com a abertura do novo hospital foi necessário admitir pessoal civil especializado mas a fraternidade manteve preponderância e respeitabilidade técnica, como se viu do exercício da nova Superiora, a Irmã Maria Olívia de S. José (Maria Fernandes), diplomada em enfermagem, que introduziu diversas reformas na unidade, permitindo aumentar a respectiva funcionalidade e eficiência. A Irmã Maria Olívia de S. José vinha de um hospital de mais movimento, o Hospital de Évora, trazendo por isso larga experiência, que colocou ao serviço do hospital e dos doentes, o que lhe granjeou o respeito de todos os colaboradores, incluindo do corpo clínico.

O movimento no novo hospital foi aumentando e o Provedor Manuel Pais Vieira Júnior viu-se impelido a alertar a Superiora Geral para a necessidade de envio de mais religiosas, de forma a se responder competentemente às necessidades dos serviços. Considerando os constrangimentos ao aumento da fraternidade decorrente da aludida dificuldade de recrutamento de professoras, a Santa Casa comprometeu-se em atribuir anualmente um subsídio de 20.000\$00, para apoiar o Fundo de Formação do Pessoal das Franciscanas Hospitaleiras, generosidade que a Irmã Primeira Conselheira Geral louvou, por inédita na história da congregação. Após algum tempo começaram, de facto, a ingressar mais Irmãs na fraternidade, superando-se as exigências advindas do aumento de serviço na unidade hospitalar.



Irmã Maria Celeste Correia -
(A última Superiora, 1988-2044)

Em 1971 celebra-se um novo contrato entre a Misericórdia e a Congregação, que acarretou encargos superiores a 100.000\$00 anuais e a revisão do horário de trabalho diário das religiosas para 8 horas, a exemplo do praticado pelo pessoal civil. A simbiose entre religiosas e Mesa Administrativa era absoluta, em compreensão e respeito mútuo, em abono da qualidade de serviço prestado aos doentes.

O abandono do hospital

A revolução de Abril de 1974 e as convulsões vividas no hospital, levam a Superiora Provincial a retirar a fraternidade, em 22 de Julho de 1974, em face da ausência de um poder institucional legitimado e do aumento da indisciplina interna. Conforme relata Fernando de Sousa, “às Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, descontentes com o clima de discórdia e anarquia estabelecidos, solidárias com a Mesa da Misericórdia, prevendo já o futuro do Estabelecimento, não (teve) outra alternativa senão abandonar o hospital em que se encontravam a servir ininterruptamente há mais de quatro décadas.” Na assembleia-geral desse ano, os Irmãos da Misericórdia exprimiram a sua tristeza por verem as religiosas abandonar o hospital, pois elas asseguravam uma presença quotidiana e permanente, auferindo metade da remuneração do pessoal leigo, para além da insubstituível ajuda espiritual que proporcionavam aos doentes.

Restabelece-se a cooperação

Em 1981, concluída a edificação do novo Lar de Idosos, e em inalienável comprovação da qualidade de serviço prestado pelas religiosas, a Mesa Administrativa contacta a Superiora Provincial para que se constitua uma fraternidade neste equipamento, que assegure a condução das tarefas diárias de atendimento aos utentes. O conhecimento e respeito mútuo, e o profícuo relacionamento entabulado por mais de 50 anos, foram ponderados na decisão vencendo a vontade da Mesa Administrativa, passando a Misericórdia a beneficiar da disponibilidade de um grupo de 6 Irmãs. O contrato é reajustado e a fraternidade passa a ser dirigida pela Irmã Maria Rosa da Divina Eucaristia (Maria Emília Mesquita, enfermeira). O Lar de Idosos de S. Manuel é inaugurado em Outubro de 1982, funcionando com 80 utentes de capacidade (mais tarde revista para 90 idosos), 50 crianças no infantário instalado no piso inferior, e 25 funcionários. As religiosas, além do aten-

dimento aos idosos e crianças, dispõem do seu tempo livre no ensino da catequese, de canto litúrgico, e apoiando pessoas externas isoladas ou de saúde debilitada. Em 1982 passa a exercer funções de Superiora a Irmã Maria Helena Góis da Silva. A qualidade dos serviços manteve-se sempre elevada, “visando proporcionar aos internados, no quartel final da sua vida terrena, o conforto e o carinho de que são merecedores”, no dizer da própria Superiora. Em 1988, cumprido o mandato, a Irmã Maria Helena Góis, deixou o Lar de S. Manuel. Esta Irmã, que aliava grande capacidade de gestão a um profundo sentido de caridade cristã, defendia sempre nos seus pareceres para admissão de utentes, os candidatos mais necessitados, com plena consciência do acréscimo de trabalho e de responsabilidade que tal opção acarretava, para si e para as religiosas. Nesse ano ingressa a nova e derradeira Superiora, a Irmã Maria Celeste Correia de Sousa, também enfermeira diplomada, que manteve a qualidade e o nível dos serviços, dirigindo o Lar de Idosos com elevada dedicação e eficiência durante 16 anos.

Um profundo desgosto e uma saudade imensa

Em 2004, a infausta conjugação entre a idade avançada das religiosas residentes e a indisponibilidade de substitutas por efeito do recuo das vocações, desenlaçou-se num epílogo tão inexorável quanto indesejável: a Misericórdia assistiu, com profundo desgosto, à partida das Franciscanas Hospitaleiras e à extinção da fraternidade “Mãe da Divina Graça” no Lar de Idosos. Partiram deixando uma saudade imensa e um sentimento de profundo respeito pela obra que durante 75 anos realizaram na Santa Casa. A propósito registam-se as palavras do utente, Alberto Rocha, proferidas na despedida: “Entre aqui desgostoso com os meus familiares, que me empurraram para a nova residência, na qual nunca julguei residir. Felizmente, Deus protegeu-me. Graças à Santa Casa da Misericórdia, e seus funcionários, estenderam-me a mão, uma autêntica família! Com o passar do tempo, vejo certos doentes acamados, mas nada lhes falta: carinho, assistência ... Tanto carinho das Irmãs para com os utentes, estando sempre vigilantes, e nos casos mais urgentes, quer de dia, quer de noite, lá vão para as urgências! Tenho orgulho de confirmar que esta Santa Casa está em permanente abertura, (...). O meu muito obrigado! Dou às Irmãs o máximo valor!” Na hora da despedida, a Superiora, Irmã Maria Celeste

Correia de Sousa, afirmou: *Todas as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição que passaram por esta Comunidade foram unânimes em manifestar que sempre foram bem recebidas pelos senhores provedor e membros da Mesa Administrativa, desde o dia em que entraram neste Lar para trabalhar com os idosos. (...) É com muita saudade que iremos deixar de trabalhar com os idosos, nesta Instituição, de quem levamos indelévels recordações. Demos a todos os utentes todo o nosso saber, dedicação e carinho, procurando sempre que nunca lhe faltasse nada, tanto de dia como de noite. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, com muito amor e sacrifício, sem nunca lhes recusar nada. Muito mais teríamos a dizer, mas guardamos no nosso coração, levando connosco as recordações de quanto aqui vivemos, ao longo destes anos. Em nome de todas as Irmãs, digo muito reconhecida: muito obrigada!*

A vocação religiosa: expressão de misericórdia na vida comum

“Se procurarmos saber o que distingue a acção caritativa das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, presentes (durante) 75 anos na Misericórdia, para além da atenção e carinho inseparáveis da condição humana que cultivam por vocação e formação – lembra o Provedor Manuel Pais Vieira Júnior –, é, em especial, na sua presença permanente, durante dias e noites, domingos e feriados, que encontramos a enorme diferença. Tão grande, que só por si proporciona aos utentes, funcionários e dirigentes, que no seu todo integram o estabelecimento vivo e actuante, a certeza de que alguém responsável vela a cada momento pela ajuda aos que precisam, pelo alívio e amparo na dor e no sofrimento”. Em 22 de Julho de 1984 já a Câmara Municipal, por decisão unânime dos seus membros, reconhecera publicamente os bons serviços prestados e meritório trabalho das Franciscanas Hospitaleiras em favor dos sanjoanenses. E, de facto, as Irmãs foram a expressão material, na vida quotidiana, da vivência em misericórdia. A sua história não é uma crónica de grandes factos. É tão-somente o fermento do espírito cristão nos pequenos gestos correntes. Uma vida comum, em que o serviço, a humildade e o silêncio traduziram o amor e a grandeza de uma vocação, cujo testemunho perdurará. Obrigada.